

A PESQUISA NA UNIVERSIDADE E A EDUCAÇÃO DA CRIANÇA PEQUENA*

Maria Clotilde Rossetti Ferreira
da FFCL de Ribeirão Preto/USP

A psicologia da criança tem se caracterizado, nas últimas décadas, como um corpo de conhecimentos extremamente fragmentado sobre aspectos isolados do desenvolvimento infantil (motor, percentual, cognitivo, afetivo, social, de linguagem, aprendizagem etc...).

Além disso, tais conhecimentos usualmente resultam de pesquisas feitas com crianças fora de seu contexto familiar em ambientes estranhos, com adultos controlados por instruções precisas que muitas vezes bloqueiam seu comportamento espontâneo (Ferreira, 1985).

Ademais, trata-se de investigações em geral feitas com uma população européia ou americana de classe média ou alta, com um predomínio de famílias nucleares,

onde a mãe é basicamente quem cuida da criança até ela ingressar na escola.

Os resultados dessas pesquisas são com frequência utilizados de forma pouco crítica, como dizendo respeito a uma criança-padrão, modelo de todas as outras independentemente do contexto familiar, sócio-econômico e cultural em que são criadas.

Perde-se assim de vista o sujeito-criança que se constitui e constrói na e pela interação recíproca com um meio físico, social, ideológico e simbólico em contínua mudança e transformação.

Na América Latina e no Brasil, particularmente na fase mais intensa dos movimentos populares reivindicató-

* Apresentado ao simpósio "A política nacional de educação da criança de 0 a 6 anos", V Conferência Brasileira de Educação, Brasília, agosto de 1988.

rios da década de 70 e início de 80, os profissionais e pesquisadores desta área sentiram-se na obrigação de sair das teorias e investigações artificiais e fragmentadas dos livros e revistas. Passaram a questionar as metodologias de pesquisa usuais, mergulhando na suja e complexa realidade, em um esforço de dar voz aos sujeitos e envolvê-los seriamente em um processo de mudança. Foi o período de apogeu da chamada "pesquisa-ação" ou da pesquisa orientada para intervenção, na busca de novas alternativas metodológicas de investigação. A pesquisa passa a ser vista como um instrumento comprometido com a transformação do *status quo*, de maneira muitas vezes ingênua, por não se conhecer bem o conjunto intricado de fatores que controlam os fenômenos sociais e que interagem na situação (Ferreira, 1984).

Essa deficiência resulta em parte da falta de um trabalho interdisciplinar integrado envolvendo profissionais de diferentes áreas e da própria precariedade da formação universitária, particularmente do psicólogo e educador, em antropologia, sociologia, história, economia, política.

A descrição da trajetória de nosso grupo de pesquisa sobre *Condições de atendimento e desenvolvimento de crianças em creches que atendem a famílias de baixa renda*¹, nestes últimos 10 anos, talvez permita ilustrar o percurso dos pesquisadores na área em alguns dos aspectos que nos interessa analisar aqui.

Nosso interesse pelo tema CRECHE partiu, em certo sentido, de um enfoque de risco. Eu trabalhara na Inglaterra com o etólogo N. Blurton Jones em um projeto de pesquisa longitudinal sobre o desenvolvimento do apego e as reações à separação da mãe em crianças de um a três anos de idade (Ferreira, 1986).

A literatura sobre apego ou ligação afetiva, fundamentada nos trabalhos de Bowlby (1969) e Ainsworth (Ainsworth et al., 1978), defendia a idéia de que a criança necessita estabelecer uma relação afetiva estável com uma pessoa de seu ambiente, preferivelmente a mãe, sob pena de ter seu desenvolvimento emocional e mesmo cognitivo e social prejudicado. Frequentar uma creche constituiria, assim, um risco para a criança, por envolver separações diárias da mãe e um cuidado múltiplo por vários adultos (Main, 1977). Isto porque, nesta perspectiva, o desenvolvimento da criança se dá basicamente através da interação criança-adulto e, em especial, da criança com a mãe com quem estabelece forte vínculo afetivo. Para evitar um eventual prejuízo para o desenvolvimento da criança, faz-se necessário garantir-lhe na creche um cuidado materno substitutivo adequado.

Com essa perspectiva, iniciamos nosso trabalho de pesquisa em nove creches da região de Ribeirão Preto, São Paulo, na maioria filantrópicas e conveniadas com a LBA (Fundação Legião Brasileira de Assistência), entrevistando funcionários e administradores, e observando de forma sistemática as atividades desenvolvidas e as interações ocorridas entre adultos e crianças. Com o auxílio de estagiários de psicologia desenvolvemos também um trabalho de intervenção em algumas creches, verificando e discutindo com os funcionários os problemas mais prementes, na busca de soluções possíveis.

Já de saída, percebemos que o registro observacional inicialmente proposto, utilizado no estudo anterior com Blurton Jones, não se adequava à situação das creches.

Nesse sistema, o pesquisador é orientado para observar uma criança de cada vez, registrando as interações que ocorrem com ela, iniciadas seja pela própria criança, seja por outras pessoas. No caso específico do nosso estudo, como o interesse residia em analisar se havia nas creches um cuidado materno substituto adequado, o foco recaiu sobretudo na diade criança-adulto. Períodos de vários minutos se passavam sem que fosse registrada uma única interação entre a criança observada e algum funcionário da creche. Decidiu-se então modificar o tipo de registro, passando-se a focalizar um adulto por vez, particularmente a pajem ou recreacionista, registrando qualquer tipo de contato que ocorresse entre ela e uma criança ou grupo de crianças. Esse registro confirmou haver nessas creches um ambiente interacional extremamente precário onde as crianças têm poucas oportunidades de contato com o adulto. Por ter um grande número de crianças sob seu encargo (a razão adulto-criança variou de 1:10 a 1:55) a pajem podia prover apenas os cuidados físicos básicos, sem ter disponibilidade para uma interação mais individualizada e afetiva com a criança. Por outro lado, o ambiente vazio e pouco estruturado das creches não favorecia o desenvolvimento de brincadeiras entre as crianças.

Através das entrevistas e observações evidenciamos também que a profissional dessas creches enfrenta uma enorme sobrecarga de trabalho para o qual usualmente não foi treinada, recebendo menos de um salário mínimo por uma média de 10 horas diárias de trabalho. Não cabe aqui entrar em detalhes sobre os resultados desse trabalho que envolveu também uma análise de estrutura organizacional e de funcionamento das creches, visto eles estarem apresentados em Silveira et al. (1987).

Nossas tentativas de intervenção obtiveram poucos resultados, notando-se nessas creches estruturas rígidas e pouco permeáveis à mudança. Houve melhoras nas mais precárias. Em outras verificaram-se modificações durante a intervenção, com uma rápida recada quando deixadas por conta própria.

Isto provocou no grupo de pesquisa uma sensação generalizada de impotência, ao perceber que a situação das crianças, das famílias, das funcionárias e das próprias creches eram influenciadas por fatores sócio-econômicos e políticos sobre os quais percebíamos ter pouco controle.

Sentíamo-nos na obrigação de denunciar uma situação inaceitável, porém difícil de modificar. Buscamos então meios para reivindicar que fossem estabelecidos padrões mínimos de qualidade para creches, como os que existem nos países desenvolvidos, de forma a pelo menos garantir que o desenvolvimento das crianças não fosse prejudicado.

Com esse objetivo produzimos o filme *A arte de varrer pra debaixo do tapete* (Ferreira et al., 1983), com o auxílio do INEP, visando estimular um debate sobre o atendimento e desenvolvimento da criança em creches.

1. A autora agradece auxílios da FAPESP, CNPq e INEP na realização dessa pesquisa.

A creche filmada atende sobretudo mães bóias-frias que trabalham no corte de cana-de-açúcar, cultura predominante na região. O filme procurou mostrar o dia de três mulheres, a criança, a mãe e a pajem, buscando inserir o problema da creche em um contexto social mais amplo. Nele transparece a impotência desses sujeitos diante da situação em que vivem. Percebemos agora que nossa atitude ao fazer o filme foi um pouco ingênua. Buscando denunciar a filantropia assistencialista das creches fizemos um filme sobre o abandono a que as crianças estavam sujeitas na creche, evocando assim fortes sentimentos afetivos na platéia, os quais caracterizam a própria forma de atuação da filantropia.

De qualquer forma, a produção do filme constituiu uma espécie de processo de catarse para o grupo de pesquisa. Passamos para as imagens a nossa própria sensação de impotência e angústia diante de uma realidade para a qual não estávamos vendo saída. Impressionava-nos o ritmo de trabalho automatizado das pajens na realização da rotina, contrastando com o longo tempo de espera das crianças, freqüentemente paradas, passivas, sem nada para fazer.

Durante o trabalho de intervenção e em treinamentos com as pajens, procurávamos, embora com poucos resultados, estimulá-las a aproveitarem cada oportunidade para interagir com as crianças, sobretudo durante a realização das atividades de rotina com uma criança, como na hora de dar banho ou trocar, por exemplo.

Pessoalmente tive uma experiência durante a filmagem que me fez entender melhor as pajens, mostrando-me a inviabilidade dessa proposta na situação real que elas enfrentam. Nesse dia, fiquei ajudando uma pajem do berçário a vestir um grupo de 12 crianças de seis a 18 meses. Ao trocar cada criança, aproveitei o momento para conversar e brincar com ela, como aliás sempre fiz com meus filhos. Como resultado, troquei apenas duas crianças, enquanto a pajem, em um ritmo acelerado que não deixava espaço para interações, trocou as outras dez. Durante esse período, as mães já vinham chegando apressadas para buscar seus filhos, levar para casa, aprontar a janta, pô-los para dormir, lavar as roupas, arrumar as coisas para o dia seguinte...

Essa experiência evidenciou o fato de que, naquelas condições, a orientação dada apenas aumentava o tempo de espera das outras crianças aguardando sua vez de serem atendidas.

A crise que tomara conta do grupo de pesquisa, revelada pela sensação de impotência que invadira cada elemento, assim como a produção do filme, obrigaram-nos a repensar o modelo de cuidado materno substitutivo que estávamos propondo para as creches e o próprio paradigma de desenvolvimento da criança que havia fundamentado nosso projeto de pesquisa e intervenção. Esse paradigma propunha que o desenvolvimento da criança se dá, basicamente, na e pela interação entre a criança e um adulto, com quem ela estabelece uma relação individualizada privilegiada.

A realidade da criança entre outras crianças com um adulto com pouca disponibilidade para interagir com elas impôs-se de forma muito concreta. Nesse ambiente, as outras crianças constituíam, evidentemente, os parceiros mais disponíveis para interação. No entanto, não

havíamos focalizado essas interações em nossos registros.

O modelo de cuidado materno substitutivo nos levava a propor para a pajem o relacionamento que supostamente a mãe tem com o filho em casa².

O modelo do cuidado provido ao filho por uma mãe inserida em uma família nuclear mostrava-se claramente inadequado nas situações das creches estudadas e, provavelmente, em qualquer situação de educação de crianças em grupo.

Só então percebemos que a creche constitui um contexto de socialização diverso do familiar, pois nele um adulto, que não tem necessariamente um vínculo afetivo com a criança, cuida simultaneamente de várias crianças pequenas. Nesse contexto, as outras crianças são de fato os parceiros mais disponíveis para interação (Ferreira et al., 1985).

Tais constatações fizeram-nos redirecionar nossas pesquisas para a interação entre crianças pequenas, procurando investigar como e quando ocorrem, e que fatores as facilitam ou dificultam.

A literatura especializada sugere, em geral, não haver interações complexas e duradouras entre crianças pequenas, mas apenas jogo paralelo ou imitação. Isto porque elas ainda não são capazes de perceber os desejos ou intenções uma da outra, de se ajustar ao que a outra quer, ou de negociarem um acordo conjunto. Essa capacidade depende e acompanha o desenvolvimento simbólico, o qual possibilita à criança atribuir significados diferentes a um mesmo objeto no jogo de faz de conta, assumir diferentes papéis, jogar e trocar de papéis com os companheiros. Obviamente o domínio da linguagem facilita muito esses acordos, favorecendo a comunicação entre crianças.

Nossos estudos atuais, entretanto, sugerem que a atividade e interação entre crianças não depende apenas do nível de competência cognitiva ou lingüística atingido por elas. Temos, aliás, observado ricas interações entre crianças de menos de três anos (VÍdeo: *Vida em grupo no berçário da creche Carochinha*, 1988; Rubiano, Ormos e Ferreira, 1987). A organização do espaço e a presença de objetos, por exemplo, podem servir de suporte para a organização de grupinhos de crianças e para o contato e interação continuada entre elas, conforme demonstrado por Legendre (1987) e pelo experimento que realizamos com sua colaboração em duas creches brasileiras, estruturando o espaço em cantinhos (zonas circunscritas) com materiais baratos e sucata (Ferreira, Carvalho e Legendre, 1987).

Nas várias creches da região de Ribeirão Preto que visitamos, o espaço de atividades das crianças é habitualmente desprovido de móveis, preservando-se um amplo espaço vazio central para as crianças se movimentarem. Além disso, há em geral poucos objetos disponíveis tais como frascos e copos de plástico ou outras sucatas e alguns brinquedos quebrados. Alternativamente, o adulto ministra, simultaneamente para todo o grupo, atividades

2. E será que tem? Vejam-se os questionamentos a respeito efetuados por Elizabeth Badinter (1985).

psicopedagógicas programadas para atingir objetivos específicos (coordenação motora, discriminação visual, auditiva, memória, linguagem...), com as crianças sentadas em torno de mesinhas. Nesse planejamento prevalece a idéia do adulto ministrando conhecimentos e habilidades específicas às crianças, enfatizando-se que o desenvolvimento se dá através da interação adulto-criança. Perde-se assim de vista a criança enquanto agente ativa de seu próprio desenvolvimento que, através do brincar, e em interação com o meio físico e social, constrói habilidades e conhecimentos sobre o mundo, a linguagem e sobre si própria como sujeito.

A convivência diária com os companheiros na creche, participando das mesmas rotinas, pode inclusive favorecer essa construção conjunta, conforme sugerido por Oliveira e Ferreira (1988) em estudo recente com crianças de dois a três anos em uma creche da periferia de São Paulo. Nessa pesquisa, analisamos como, através de suas ações e interações, as crianças se apropriam de vários elementos, tais como configuração espacial, itens do mobiliário, peças de roupa, objetos e também gestos, posturas, sons, atribuindo-lhes certos significados. Dessa maneira, o cenário, os papéis e o tema (*script*) são pouco a pouco construídos no aqui e agora das ações entre elas, caracterizando um jogo de papéis. Neste são desenvolvidos conceitos e habilidades, são construídos e compartilhados significados, por meio da ação conjunta de indivíduos inseridos em um mesmo meio cultural. Através desses encontros, e com frequência de conflitos com parceiros desempenhando papéis diversos, cada criança constrói sua própria subjetividade.

Esses estudos e experiências, que foram apenas mencionados de passagem aqui, e que estão ainda em andamento, nos obrigaram a rever nossos conceitos sobre a creche enquanto contexto de socialização da criança em grupo, sobre sua organização física e social, sua rotina e, particularmente, sobre o papel do profissional de creche. Este não pode mais ser visto como substituto materno, ou como guarda e promotor das atividades infantis enquanto agente de toda aprendizagem das crianças.

O conjunto de profissionais que trabalham na creche, sejam recreacionistas, cozinheiros, serventes ou técnicos, e preferivelmente de ambos os sexos, devem ser treinados para exercer a função de educadores, preocupados em organizar o meio físico e social da creche, de forma a favorecer o envolvimento das crianças em atividades, brincadeiras e interações, independentemente da mediação direta do adulto. Na medida em que essa autonomia e o envolvimento em atividades por parte da maioria das crianças é garantido, cada adulto fica mais disponível para observá-las e estabelecer um contato individual mais afetivo com alguma criança ou grupo de crianças que o procure ou que perceba precisar de uma atenção especial.

A nova proposta educacional para a creche, contudo, está ainda em processo de construção, através da discussão com vários profissionais de creche que estão procurando implementá-la e avaliá-la na prática, em diferentes instituições. Está também a exigir mais estudos sobre o desenvolvimento de crianças em grupos inseridos em contextos sociais diversos, além de uma séria reflexão

e discussão sobre as relações homem-mulher, adulto-criança e indivíduo-Estado, nesse diferentes contextos.

O percurso conturbado do nosso grupo, enfrentando e buscando superar vieses e mesmo preconceitos, tanto na teoria como na ação concreta, trouxe-nos enormes ganhos. O mergulho nessa realidade social complexa nos fez conhecer melhor os contextos em que essas crianças estão sendo criadas. Para entendê-los, estamos sendo obrigados a consultar e trabalhar com outros especialistas e a estudar e discutir textos de outras áreas como antropologia, etnografia, sociologia, economia...

Dentro de nossa especialidade, a Psicologia do Desenvolvimento, sentimos a necessidade de procurar outras alternativas teóricas que permitam entender o desenvolvimento do sujeito como um todo e em contextos sociais variados. Como dissemos, a maioria das publicações da área nas últimas décadas fornecem apenas uma visão fragmentada e muitas vezes viesada do desenvolvimento da criança. Por isso estamos fazendo uma releitura e discussão de textos básicos dos grandes teóricos da década de 30, quais sejam Wallon (1942), Piaget (1966, 1968), Vygotsky (1962, 1984) e Mead (1934), buscando uma base teórica firme que nos permita formular um modelo sócio-interacionista construtivista de desenvolvimento (Lemos, 1981).

Todo este percurso está, também, a exigir de nós uma melhor definição do nosso papel de professores universitários e pesquisadores, e das possíveis contribuições que como tal poderemos dar para a formulação de uma proposta educacional a ser implementada nas creches, de forma a atender as necessidades da criança.

Retornamos agora à pergunta inicial sobre "qual a possível contribuição da pesquisa na Universidade para a educação da criança pré-escolar?"

Tenho atualmente uma visão mais clara de que a educação da criança de 0 a 6 anos constitui uma tarefa extremamente complexa que exige a colaboração de diferentes profissionais em vários níveis e locais de atuação: na Constituinte, nos Ministérios e Secretarias, nas escolas e creches, nas associações de bairro, nas universidades, etc.

Algum progresso já foi feito nessa direção, quando a Constituinte inseriu o atendimento da criança de 0 a 6 anos no capítulo da Educação, não o reduzindo, como de hábito, a uma obra assistencial à infância desvalida. Esse atendimento ainda não aparece como direito do cidadão-criança à educação e, conseqüentemente, como obrigação do Estado, como queríamos. Mas já é formalmente aceito como um direito do trabalhador, o que exige uma grande ampliação dos equipamentos educacionais tipo creche e pré-escola, até o momento restritos a uma parcela mínima da população (Rosemberg, Campos e Pinto, 1985).

Essa ampliação, porém, depende da formação de quadros profissionais competentes e da formulação de propostas educacionais bem fundamentadas e explicitadas a serem implementadas em creches e pré-escolas, de forma a favorecer o desenvolvimento das crianças.

Nesse sentido, a Universidade e seus professores e pesquisadores não apenas podem como devem dar sua contribuição, assumindo assim seu papel específico na sociedade.

Para isso será necessário mantermos um contato constante com a realidade mais complexa e com os profissionais que estão envolvidos nela, evitando assim produzir um saber descontextualizado e pouco útil. Nessa troca, onde idéias teóricas são construídas em interação contínua com a prática e onde os responsáveis pela ação educativa buscam subsídios junto àqueles que têm mais condições para estudar e pesquisar, poderemos construir algo novo, que responda às necessidades de pré-escolares criados em contextos variados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AINSWORTH, M.D.S. et al. *Patterns of attachment*. New Jersey, Lawrence Erlbaum Assoc., 1978.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BOWLBY, J. *Attachment and loss*. London, Hogarth, 1969. v. 1.
- FERREIRA, M.C.R. Limites da psicologia preventiva enquanto instrumento de ação social. *Ciência e Cultura*. 36: 1723-9, 1984.
- _____. *Mãe & criança, separação & reencontro*. São Paulo, Edicon, 1986.
- FERREIRA, M.C.R.; CARVALHO, M.I.C.; LEGENDRE, A. An ecological approach to intervention in early childhood. 1987. [Presentation at symposium, IX Biennial Meeting of ISSBD, Tokyo, Japan]
- FERREIRA, M.C.R. et al. Adult-child and peer interaction during brief separations. *British J. of Developmental Psychology*, 3: 163-73, 1985.
- _____. Day care as substitute mother care or as a diverse socialization context? 1985. [(Poster) VIII Biennial Meeting of ISSBD. Tours, France]
- LEGENDRE, A. Transformation de l'espace d'activités et échanges sociaux de jeunes enfants en crèche. *Psychologie Française*, 32: 31-43, 1987.
- LEMOIS, C.T.G. Interactional process and the child's construction of language. In: DEUTSCH, W. (org.) *The child's construction of language*. London, Academic Press, 1981.
- MAIN, M. Analysis of a peculiar form of reunion behaviour seen in some daycare children: its history and sequelae in children who are home-reared. In: WEBB, R. (ed.) *Social development in childhood daycare programs and research*. Baltimore, John Hopkins University Press, 1977.
- MEAD, G.H. *Mind, self and society*. Chicago, Charles W. Morris, 1934.
- OLIVEIRA, E.R. & FERREIRA, M.C.R. Role construction in early peer interaction in a daycare context. 1988. [Paper presented at the Nato Institute for Advanced Studies Seminar on "Social competence in developmental perspective", Les Arcs, Savoy, France]
- PIAGET, J. *La formation du symbole chez l'enfant: Imitation, jeu et rêve; image et représentation*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1968.
- _____. *La naissance de l'intelligence chez l'enfant*. Neuchâtel, Delachaux et Niestlé, 1966.
- ROSENBERG, F.; CAMPOS, M.M. & PINTO, R.P. *Creches e pré-escolas*. São Paulo, Nobel/Conselho Estadual da Condição Feminina, 1985.
- RUBIANO, M.R.B.; ORMOS, S.L.; FERREIRA, M.C.R. Ocupação social do espaço próximo e longe da pajeira por crianças em creche. 1987. [XVII Reunião Anual da Sociedade de Psicologia de Ribeirão Preto]
- SILVEIRA, R.E.S. et al. Oportunidades de contato entre o adulto e a criança em creche. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, (158): 130-63, 1987.
- VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo, Martins Fontes, 1984.
- _____. *Thought and language*. Cambridge (MA), MIT Press, 1962.
- WALLON, H. *De l'acte à la pensée: essai de psychologie comparée*. Paris, Flammarion, 1942.
- WEREBE, M.J.G. & NADEL-BRULFERT, J. *Henri Wallon*. São Paulo, Ática, 1986.
-